

GRITO NO NORDESTE

ESPECIAL DOS 20 ANOS

ANO XIX - Nº 86

SETEMBRO/OUTUBRO

1985

Pags. 5,6,7 e 8

Centro de Pastoral Vergueiro

04 JAN 1986

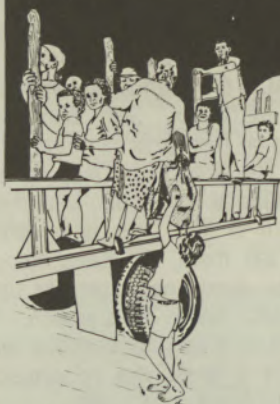
SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

20 ANOS COM OS CAMPONESES

I CONGRESSO DA ACR



"ACR SEMENTE DE LIBERTAÇÃO"

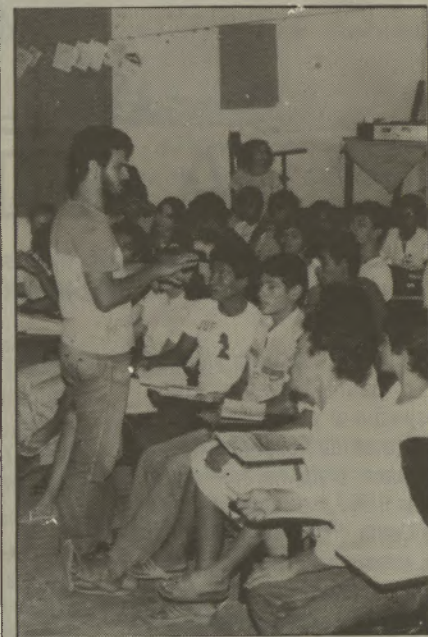


14 A 17 DE NOVEMBRO DE 1985
SEMINÁRIO DE OLINDA-PE



Pag.4

OS JOVENS RURAIS NA ACR



Pags. 9,10 e 11

O JEITO DE SER DA ACR





A ACR e povo do campo

Uma reflexão sobre o ser militante da ACR e sobre o próprio Movimento de leigos camponeses, a partir dos depoimentos de militantes camponeses que neste ano comemoram os 20 anos de caminhada:

"Particpei de uma reunião com o padre Servat e, como todos, com a preocupação dos agricultores de Pesqueira de ter terra para trabalhar" — dizia já em 1967, o companheiro João Costa. "Esse padre vai dar terra, pensei. Dentro de quatro a cinco reuniões fiquei neste sentido. Mas pouco a pouco descobri que essas reuniões da ACR não resolviam diretamente o problema da terra. Mas estas reuniões me mudaram, elas traziam para mim uma nova maneira de ver as coisas, o Espírito do Evangelho..."

"... Antes era cristão, obedecendo aos padres dentro da "Igreja de barro". O padre para mim era o dono da Igreja, mandava, era sabido, fazia a verdade. Eu tinha medo desse ser misterioso... Descobri outros deveres, outras maneiras de fazer. Fui me transformando dentro de uma outra vida. Entendi o papel do cristão, de ser um homem verdadeiro, de cumprir os mandamentos do Evangelho, de realizar as coisas pelas quais o próprio Cristo lutou, morreu, venceu. Eu me transformei sobre a humanidade, sobre a justiça, sobre a fraternidade. O que é a ACR? Eu sei que é a Igreja viva caminhando no campo..." — conclui João Costa.

"É A IGREJA VIVA CAMINHANDO NO CAMPO"

No Sindicato, todas as pessoas que são agricultores se encontram, seja qual for a situação, as idéias políticas ou re-

ligiosas... O Sindicato dos agricultores foi feito para uma classe, deve portanto representá-la, mobilizá-la, defendê-la e melhorar sua situação

Na ACR, o cristão se encontra para descobrir que todos os homens são chamados a ser gente, a formar uma só família em Deus, para colocar a sua vida no sentido de Deus que vive, se alegra e sofre com os homens. É a vida do Evangelho na vida cotidiana. É o sopro da vida, é o fermento que desperta e transforma. "A ACR me ensinou a andar, a deixar cair as muletas e a caminhar com minhas próprias pernas" — afirmou certa vez uma militante.

"A ACR deu a entrada, mostrou as necessidades de olhar a vida do meu meio, da minha classe, de refletir, de dar soluções, de não ficar parado, de descobrir as pessoas, os valores. Descobri que um homem militante da ACR não pode ficar parado. Não pode desprezar os acontecimentos, as situações que vivemos, as organizações e entidades da classe: sindicatos, movimentos populares, partidos políticos, etc..."

"A ACR foi o fogo debaixo da panela, que faz ferver a água. Sem o fogo nada se faz, nada se cozinha. Não é o fogo que faz as coisas, mas não se vive sem ele". (João Costa, de Pesqueira/PE, 1967).

"Eu dormia, não sabia... quem despertou-me, quem fer-

veu a água foi a ACR me promoveu, fez de mim uma terra nova, despertando-me para o fato de que Cristo está em cada um de nós. Meus olhos eram fechados, a cabeça também. A chave que abriu foram essas três letras: ACR".

"A MANEIRA DE APRESENTAR O EVANGELHO NÃO TRANSFORMAVA NADA NA VIDA"

"Eu fui despertado pela catequese, mas só fazia essas coisas: preparava comunhões, crismas, fazia reuniões com os adultos para ensiná-los a estudar o Evangelho e a celebrar o culto dominical. Mas a maneira de apresentar o Evangelho não transformava nada na vida. Era um Evangelho conservador como uma espécie de romance..."

"... Não tinha razão para entrar na luta. Ficava só na conversa e nada mudava. Na ACR encontrei razões para continuar a luta no campo,

na minha terra, encontrei um outro padre e uma equipe. De volta já disse aos meus companheiros:

"Não se pode viver como cristão sem viver a sua fé nas lutas da vida... A esmola não promove. É necessário colocar as pessoas na situação de poder se salvar sôzinhas... No meu lugar as pessoas só confiam na Igreja, no padre, no ensino da Igreja e na Bíblia. Quando eu falava as pessoas pensavam que era só idéias minhas, idéias de um homem. A ACR é a bomba da lâmpada do petromax. Sem bombear duas ou três vezes na noite, não dá. Na vida, é preciso que os cristãos se encontrem para descobrir o que Deus quer deles: no seu meio, na classe social onde vivem, nas lutas por um mundo onde haja justiça. A ACR é a luz, fermento e sal. Ela é a Igreja viva no campo. Não Igreja de pedra, mas Igreja de carne, de homens".

(Calixto, do Maranhão, 1967)



Realizado pela Equipe Central da A.C.R. Animação dos Cristãos no Meio Rural

REDAÇÃO E EDIÇÃO:
Gerson Flávio, Marcílio Cavalcanti,
Domingos Corcione, Arnaldo
Liberato, Judite, Pe. José Servat e
Pe. Tiaço

Produção Gráfica:
MOVIMENTO — Assessoria de
Comunicação Popular.

Endereço da A.C.R.:
Rua Giriquiti, 48 - CEP: 50.000
Recife/PE - Fone: 231.3177

A MISSÃO DA ACR

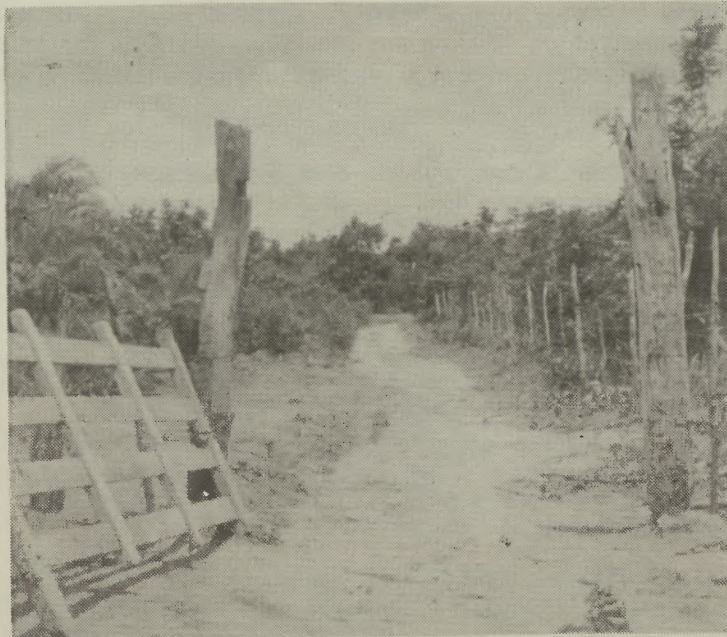
A missão da ACR é antes de tudo, COMPROMISSO com a classe camponesa onde atua à maneira de FERMENTO. Esse fermento está presente nas pessoas como nas instituições do meio rural. O movimento quer promover a participação do meio rural todo, nessa luta sempre mais forte e crescente. Por isso procura sempre atingir mais pessoas, aceitando-as como são e no ponto onde estão.

Nessa atuação e nessa realidade descoberta, os cristãos comprometidos, animados pela ACR, descobrem a presença atuante de Jesus Cristo, luz e força para a caminhada do povo. Essa descoberta é como uma "EXPLOSÃO" no interior do homem, que leva a um compromisso com Jesus Cristo, quebra a tranquilidade e a omissão, e o leva a uma consciência aguda da necessidade de lutas pela justiça com os companheiros. (Tirado do texto sobre "Missão específica da ACR", aprovado na XV Assembléia Geral da ACR - 1980).

ANÚNCIO DO REINO DE DEUS

A ACR tem o compromisso de anunciar através da palavra e da vida, o Reino de Deus aos trabalhadores rurais e ajudá-los a serem sinal deste fermento dentro de sua classe. Para isso a ACR precisa estar atenta aos acontecimentos na sociedade e principalmente no meio rural.

Anunciar o Reino de Deus hoje no meio rural, passa pela denúncia da concentração das terras nas mãos dos ricos, denúncia da expulsão dos trabalhadores rurais das terras, pela falta de preço e garantia de comercialização para os pequenos produtores, denúncia do espancamento e da morte de dezenas e centenas de trabalhadores mandados pelos fazendeiros e grileiros. É denunciar a omissão das autoridades municipais, estaduais e federais que não tomam nenhuma providência a favor dos trabalhadores rurais. Vejam um trecho de um documento elaborado pela ACR do Maranhão e entregue pessoalmente em Brasília, às autoridades responsáveis pela não punição dos mandantes e praticantes de crime de morte: "A ACR do Brasil faz um ape-



ACR abrindo novos caminhos

lo às autoridades acima, que tomem todas as providências possíveis diante dos "CRIMES" cometidos em nosso Estado. O derramamento de SANGUE dos CAMPONESES está inundando as terras do interior maranhense. Para que a paz permaneça ao lado dos CAMPONESES que lutam pelo pedaço de terra para sustentar os filhos. Que haja justiça em todos os casos".

A ACR entende que a nova sociedade só será construída com as lutas dos trabalhadores do campo e da cidade através de suas organizações. Daí entender que também é sua missão ajudar na organização dos trabalhadores em seus órgãos como: sindicato, partido político, cooperativa etc. A esse respeito, vejam o que pensam, dizem e agem alguns militantes da ACR.

MANOELZINHO - PB — "Quando eu conheci o movimento era um tempo muito fechado e quase não tinha movimentos, o sindicato não conscientizava, era a coisa um pouco parada. A ACR representava um instrumento de conscientização de uma instrução, uma animação de trabalhador rural que mostrava sua capacidade de desenvolver a consciência de classe, eu acho que é isso. Diante dessa longa caminhada, já com 20 anos, o movimento teve uma grande participação nessa mudança aí, também uma mudança na conscientização política e acho que deve continuar porque já teve um grande compromisso no longo

desses 20 anos e vai ajudar mais a desenvolver para que o trabalhador assuma seu sindicato e a política".

TIMÓTEO - MA — "Depois que eu entrei nessa luta, os inimigos que vinham pelevavam para tirar a gente daquela luta que a gente tava com os companheiros, oferecendo vantagem. Tudo eles pelevavam, mas eu não tinha caminho prá deixar, achava que se eu deixasse aquele trabalho junto com meus companheiros, isso era um pecado, porque eles tinham me colocado prá trabalhar e me dedicar a eles. Não encontrei outra segurança, senão está junto com eles. Como presidente de sindicato, hoje estou fazendo mais porque tem mais gente para conversar, tem mais lugares para a gente refletir com os companheiros, e me sinto com mais peso, porque aumentou a tarefa, os problemas também chegaram a mais".

OS DESAFIOS À SUA MISSÃO

Os desafios que a ACR enfrenta, são os mesmos que toda a Igreja enfrenta no Brasil e na América Latina. O Deus da nossa fé, é o Deus da Vida e os trabalhadores do campo e da cidade estão morrendo de fome. Como anunciar o Reino de Deus a quem está desempregado, sem terra, sem casa e com fome? Quais são os meios, os instrumentos desse anúncio?

Jesus lutou até a morte defendendo a liberdade para o homem. Mas os homens ainda vivem oprimidos. São explora-

dos tanto nas fábricas como no campo. Seus direitos lhes são roubados e quando reclamam são ameaçados e mortos. Suas mortes não são punidas. Os ricos e defensores do sistema capitalista exploram e roubam os trabalhadores e ainda têm o poder político e judiciário como apoio, pois quase nada tem sido feito a favor dos trabalhadores.

A Igreja por sua vez, tem maneiras diferentes de ver e de atuar nesses problemas. E isso chega a ficar claro para os trabalhadores. Existe aquele setor que quer uma mudança profunda na sociedade e aquele que não quer se comprometer com as lutas pela mudança. Tem medo do novo. É claro que isso dificulta e atrasa o processo da construção da Nova Sociedade.

A ACR entende que é preciso penetrar profundamente na vida dos trabalhadores para entender seus problemas e suas maneiras de reagir e de enfrentá-los. Entende ser necessário fortalecer suas organizações e seus órgãos de luta. Essa decisão passa por uma opção; opção essa que é essencialmente de fé e política. De fé por entender que Jesus Cristo é o centro e o fundamento da vida. É política porque essa vida habita uma sociedade, sociedade onde os homens decidem, planejam o que fazer e o que deixar de fazer. Esse planejamento atende aos interesses daqueles que estão decidindo, traçando as linhas por onde o povo deve ou não andar.

Diante de tudo isso a ACR se sente questionada e convocada por Deus para ser sinal e presença viva de Jesus Cristo no meio dos trabalhadores rurais. Os militantes se sentem chamados a entrar cada vez mais nas lutas pela conquista da terra, conquista dos sindicatos, das cooperativas e essencialmente conquistar a vida, o direito de viver como filho de Deus e irmão de Jesus Cristo. Para a ACR isso é um grande desafio. Pois passa por uma mudança no jeito de pensar das pessoas. É preciso "ferir as mentes" das pessoas. Passa por um processo de formação. O grande desafio é ajudar na formação e transformação dos trabalhadores, dos seminaristas, dos padres, dos bispos e de toda a Igreja.

Os Jovens Rurais na ACR

Numa animada conversa, os nossos companheiros Pe. Marcílio e Judite, assistentes dos jovens rurais ligados à ACR, refletem um pouco a caminhada dos jovens do campo e a descoberta que fazem da ACR, como um espaço onde assumem sua missão de cristãos.

Marcílio — Ô Judite, neste ano de 85, estamos celebrando 20 anos da ACR. Agora nós percebemos, com grande alegria e esperança, uma forte presença dos jovens no Movimento. Mas a gente sabe que essa presença não é de hoje, nem começou por acaso.

Judite — Pois é Marcílio, eu me lembro que essa entrada dos jovens, começou em 1981. Esse foi o ano da grande descoberta: "Ôxente! O Movimento não está atingindo os jovens! Eles estão muito soltos, sem organização própria, e participam pouco das organizações dos adultos. Poucos são os movimentos e as pessoas que apoiam e acompanham os jovens do campo".

Marcílio — Foi aí, Judite, que a gente começou a ver que o Movimento tinha que dar uma atenção especial aos jovens. Toda a assembléia concordou com isto e a semente foi lançada. Depois começamos a discutir com outros companheiros, fazer visitas a alguns lugares . . . foi aí que descobrimos que alguns jovens já participavam do Movimento nas bases. Mas não havia quase nenhuma articulação entre eles. Nesse momento, surgiu a idéia de fazermos um encontro convidando jovens dos vários Estados do Nordeste, aonde o Movimento está presente.

Judite — Exatamente, Marcílio! E em 82, realizou-se o primeiro encontro. Começamos partindo de coisas bem concretas, a partir da realidade em que os jovens estavam vivendo. Daí o tema que foi discutido: "O jovem rural e sua realidade"

Marcílio — Nesse encontro, a gente descobriu que, além da realidade dos jovens rurais; falta de terra (em 1º lugar), desemprego, migração, analfabetismo, falta de divertimento, etc. Além disso, os jovens estavam muito desorganizados, e não participavam das organizações populares.

Judite — Foi por isso, Marcílio, que no final desse encontro de 82, os jovens escolheram como tema para o encontro de 83, "O jovem Rural e suas Organizações". E foi tão bom

aquele encontro! Os jovens disseram que participavam de um bocado de coisas nas comunidades, nas dioceses e Estados, mas não havia muita presença dos jovens rurais nas organizações que são instrumentos de

disso, os jovens, cada vez mais, estão presentes nos encontros de base; nas assembléias estaduais, regionais e gerais do movimento. Eles estão assumindo com muita convicção a identidade própria da ACR.



Os participantes do último Encontro de Jovens Rurais do Nordeste.

mudança da realidade e da sociedade que são: o sindicato e o partido político.

Marcílio — Daí, Judite, em 84 os jovens resolveram discutir sobre o tema: "O jovem Rural no Sindicalismo e na Política". A partir desse encontro, os jovens entraram de cheio no sindicato e já começam a participar também dos partidos políticos. Já este ano de 85, como em todo o Brasil tá se falando de Reforma Agrária, então, escolheram o tema "O Jovem Rural e a Luta pela Terra". Foi um encontro em que os jovens descobriram muitas coisas sobre a terra no Nordeste e viram que é preciso entrar mais nas lutas pela conquista da terra.

Judite — Quanta coisa boa aconteceu, não é Marcílio? Hoje já existe até uma equipe de jovens que articula os trabalhos por este Nordeste a fora, preparando e coordenando seus próprios encontros. Quem diria . . .

Marcílio — Sem esquecer, Judite, que no Grito, os jovens conquistaram o seu próprio espaço. São duas páginas que estão despertando um grande interesse nos jovens e ajudam muito na sua caminhada. Além

Judite — E o que é importante, Marcílio, é que os jovens já começam a ter uma visão muito clara da sua missão. Eles já sabem o que querem. Vejamos o que dizem:

"A gente está querendo procurar um meio de libertação, de luta e de conscientização dos trabalhadores jovens e adultos. Queremos organizar a nossa classe toda. Eu acho minha missão muito importante. Às vezes eu tenho vontade de desistir, mas eu não consigo. É um Dom, uma vocação de dentro. Não há como desistir". (Manoel - Pilões/PB).

"Eu quero um futuro de libertação. Quero continuar meu trabalho na comunidade, para junto com toda nossa classe unida, construir as bases de uma Nova Sociedade. Uma sociedade fraterna e justa, aonde se acabe toda escravidão e toda a miséria, e todos os homens possam viver como irmãos". (Ana Lúcia - Picuí/PB)

Marcílio — É como disseram os jovens rurais de Palmares, Judite, no dia Internacional da Juventude sobre o que eles querem:

— Uma sociedade com justiça e liberdade;

- Um Brasil democrático com eleições diretas para presidente;
- Escola, fim do analfabetismo, lazer, casa própria;
- Salário justo, que dê para todos viverem;
- Sindicato forte e organizado;
- Fim da violência contra os trabalhadores rurais;
- Terra para plantar, reforma agrária com condições.

Judite — Bonito, Marcílio, é ver o que os jovens descobriram na ACR:

— "A ACR, para mim, é um movimento onde a gente se sente bem porque é tudo de uma classe só, tudo agricultor, tudo da roça, né? É um movimento que está preocupado com o nosso futuro e a gente se compromete mais pelos nossos direitos. A gente vai tomando uma visão daquilo que nós queremos e o que devemos fazer, a gente vai se sentindo bem, vai descobrindo o meio que nos escraviza, vai descobrindo as maneiras com que podemos quebrar as correntes do egoísmo, da divisão que existe hoje entre os homens". (Jocélia — Marcação/PB)

— "A ACR é um movimento que está para ajudar o camponês, seja jovem ou adulto. Ela tem uma coisa especial, que é essa dimensão de fé tamanha ao ponto de fazer a gente descobrir a força que a gente tem dentro da gente e que pode contribuir com os companheiros. Eu acho que a ACR sempre está reiniciando o tempo, né? Porque a partir do momento em que a gente se encontra prá avaliar, discutir, a gente descobre novas coisas que a gente têm de fazer. A ACR é um movimento que nunca fica velho!" (Vilemar, Pimenteiras/PI).

Marcílio — É isso aí, Judite, quando a gente olha prá trás e vê quantos passos já foram dados, quanta coisa boa aconteceu com essa maior participação dos jovens no movimento, a gente só pode dizer que a ACR continua mostrando sua força e seu valor no mundo camponês do Nordeste. E que essa força vem do próprio Cristo que nos anima nessa caminhada.

20 ANOS COM OS CAMPONESES

Nos números 82 e 84 do "Grito no Nordeste" contamos como começou a ACR, no prolongamento da tradição de luta do povo camponês e como se desenvolveu o pensamento do Movimento. Vamos ver, nesse número especial consagrado a lembrar nossa caminhada, a entrada nos diversos estados. Podemos distinguir quatro momentos importantes nesses 20 anos:

Os começos esperançosos

Esse tempo cobre os governos militares de Castelo Branco e de Costa e Silva, com o Ato Institucional nº 5, de 1968 e a emenda Constitucional de 1969 que vai dar o poder a Garrastazu Médici. O padre José Servat e os que começaram com ele a atividade que vai torna-se ACR, escolheram como centro de referência o Recife, capital natural do Nordeste. É nessa diocese também, que se encontrou o apoio de Dom Hélder, Dom Lamar-tine e de um grupo de padres, já em contato com o meio rural pela ação sindical.

Em junho de 1965, começamos o trabalho em **Pernambuco**, percorrendo os municípios da Zona da Mata, de Jaboatão à Pombos, de São Lourenço à Limoeiro e de Cabo à Palmares. Paulo Correia, ex-seminarista se juntou a nós com outros alunos do Seminário Regional, assumindo dois a dois as diversas regiões. No fim de 1965, São Lourenço da Mata, Carpina, Nazaré da Mata, Paudalho, Limoeiro, Massauassu, Destilaria do Cabo, Vitória, Pombos, Jaboatão têm reuniões mensais.

1966 vê a primeira crise entre os bispos do Nordeste e o governo militar. Castelo Branco intervem, depois do Manifesto dos Bispos, em resposta a um relatório da ACR e JAC e de um Manifesto da ACO. Nesse tempo, o general do 4º Exército foi "cassado".

Em 1966-67-68, multiplicam-se dias de estudo com camponeses da cana: em Palmares, na casa de Dom Acácio, em Massauassu e Escada, em Vitória e Carpina.

Os apelos já em 1965, chegaram do agreste e do sertão, e começamos a viajar: São Bento do Una, Pesqueira, Canhotinho, Petrolina. O primeiro Encontro do Agreste realizado em Pesqueira, em 1966, depois em Garanhuns, em 1967. Esses encontros diocesanos e interdiocesanos vão continuar



Uma das antigas Equipes Regionais da ACR

com ajuda das igrejas locais.

Na Paraíba, fizemos em 1965 contatos com alguns padres e militantes da JAC e em abril de 1966, realizou-se o primeiro Encontro da ACR em Remígio. Outro encontro em novembro no mesmo lugar e com Antônio Almeida, Hortêncio e Pe. Fidelis, a ACR se multiplica do Brejo ao Sertão. Encontros em João Pessoa (1967), Solanea, Arara, Boqueirão dos Coxos e Patos, marcam essa caminhada.

No Rio Grande do Norte, em 1966, visitamos São Paulo do Potengi (Mons. Expedito), Natal, Mossoró e Açu. Em 1967, com ajuda do Pe. Militino, fizemos encontro de padres e depois de camponeses, com João Faustino, Pe. Arlindo Aureliano e Maximínio, na diocese de Mossoró.

Em Riachuelo, as primeiras reuniões começaram com José Cândido (Deda), antigo militante da JAC. Nessa ocasião, afirmou-se Martiniano e realizamos um primeiro Encontro em Pium, em 1968, com ajuda da equipe regional. Vão continuar as visitas de paróquias, reuniões e encontros de revisão. Da região de São Paulo do Potengi, o centro da ACR vai passar a Pureza, com José dos Santos.

Em Caicó, José Nilton do MEB, amigo de Raimundo Sil-

va, seminarista de Caicó ligado a ACR no Recife, começou reuniões e encontros nessa diocese. Todos os anos, realizamos grandes encontros diocesanos em Caicó ou Jardim do Seridó (Pe. Ernesto).

Em Alagoas, as primeiras visitas acontecem na diocese de Palmeira dos Índios, mas nesse tempo o Movimento não foi aceito. **Arapiraca** tornou-se centro de esperança, com o saudoso Pe. Antônio Lima e um jovem professor, que depois torna-se o Pe. Afrânio. Organizamos encontros de padres e leigos no convento dos franciscanos em Penedo. Os animadores dos bairros, como Toinho animam os debates com Maximínio, do Regional de Recife.



Pe. José Servat, um dos maiores responsáveis pela expansão da ACR.

Na diocese de Maceió vai ser mais difícil. Nenhum padre, apesar da insistência de Dom Adelmo, aceita acompanhar a pastoral do campo. Servat continua visitando Colonia Leopoldina, Lages, passa dias em União dos Palmares, conversa com diversos padres novos da diocese. Vai precisar esperar a presença do Pe. Afrânio em Craíbas e Arapiraca para que o Movimento se organize. Frente as dificuldades com Alagoas, em 1969 a Assembléia Regional dizia: "Alagoas é um apelo para nossa imaginação missionária".

No Ceará, o Pe. Servat começou as visitas em 1966 e 1967: Fortaleza, Crateús, Igatu, Limoeiro... Dom Delgado ajuda, dando carro e padres para acompanhar. Assim apareceu o Pe. Moacir e o Pe. José Olavo. No fim de 1968, temos atividades nas dioceses de Limoeiro e Fortaleza. Mas a seca de 1970 vai orientar padres e leigos para outras realizações pastorais (cooperativas e CEBs).

No Piauí, com a ajuda de Raimundo Nerez, seminarista no Recife, tomamos contato com a arquidiocese de Teresina. Em 1967, dois grandes encontros reagruparam os lavradores espalhados pelo golpe militar. O primeiro, em fevereiro (com Pe. Servat) e o outro em julho, em Teresina (com Paulo Correia). O grupo de trabalhadores se reanimou e se comprometeu com o sindicalismo. Reuniões e encontros de revisão se multiplicaram, ajudados com as ordenações de Raimundo Nerez (1968) e de João Moura (1971), os dois declarando-se ao serviço dos lavradores.

O lavrador Calixto, do **Maranhão**, participou da Assembléia em Recife, em 1966. O Padre Servat e Jorge Melo, depois Paulo Correia, foram ajudá-lo a multiplicar as visitas, reuniões e encontros de aprofundamento: 1º Encontro

Os começos esperançosos

em São Mateus (1967), depois Coroata e Bacabal (1968).

Calixto deu tempo para intensificar a ACR. Aparecem outros animadores, em particular Justo. Esses lavradores encontraram-se em Lago da Pedra e em Coroatá (1970).

Em Sergipe, Dom Távora, bispo de Aracaju, chama o Pe. Servat: "Quer uma ACR forte e evangélica". Apoiamos nossa ação sobre as paróquias de Maruim, Ribeirópolis e Propriá. Realiza-se em 1968, o encontro de Cumbe; em 1969, o encontro em Maruim e de-

tatos se fizeram em 1965, num encontro da JAC em Itaparica, na baía de Salvador. Em julho de 1967, visitas são feitas, conversas e reuniões, e, antes de tudo com Dom Eugênio, arcebispo de Salvador. No começo a cobertura epis-

cese. Mas continuamos os contatos em Feira de Santana, Amargosa e Rui Barbosa. Em 1967, o Encontro da Pastoral Rural, em Serrinha, choca-se com a hierarquia considerada como muito comprometida com o poder e os proprietários de terras. Em Curral Novo, perto de Jequié, em Ipirá, em Riachão de Jacuípe grupos se encontram como ACR.

Nesses anos a ACR se estrutura no plano da região. Até 1969, realizaram-se quatro assembleias em Recife, uma Assembleia Nacional, em Campinas/SP (em 1968) e quatro encontros de padres do meio rural.

Mas a situação política piorou e depois do segundo golpe militar, que foi o Ato Institucional nº 5, as liberdades foram bem reduzidas. Em 1968, as manifestações e passeatas dos estudantes chegaram ao ponto mais alto. O Congresso não se submeteu ao Poder Executivo, sendo decretado o AI-5 e uma junta militar assumiu o poder.



Companheiros debatem sobre seus problemas e suas lutas no Rio Grande do Norte.

Fizemos contatos também, em Balsas onde o Pe. Servat faz uma primeira viagem.

pois, o encontro de padres de Sergipe e Bahia, em Propriá.

Na Bahia, os primeiros con-

copal é boa, mas vai pouco a pouco desaparecer, até a interdição da ACR na arquidio-

(1969-1974)

Os duros amadurecimentos

É o tempo da ditadura de Garrastazu Médici com endurecimento político, censuras e também, o triunfo do capitalismo internacional com o "milagre brasileiro" de Delfim Neto — livre entrada das multinacionais.

A ACR vai amadurecer a sua organização e o pensamento que anima as suas atividades:

conhecimento da realidade e experiência de fé cristã. Os temas aprofundados nas Assembleias Gerais e no jornal "Grito no Nordeste" são mais concretos e preparam para as lutas do futuro: "Terra da Reforma Agrária"; "Política e Bem Comum"; "Convivência e Participação do Casal"; "Sociedade e Poder"; "Realidade Sin-

dical no Brasil"; "Trabalho e Trabalhadores" e "O Produto do Trabalho". É nesse tempo também, que os militantes reclamaram dias de aprofundamento (retiros), para ter claras no espírito as razões de Fé, em vista dos compromissos assumidos: "Libertação Integral em Jesus Cristo"; "Engajamento Cristão"; "João

Batista Hoje"; "Igreja Povo de Deus em Marcha"; "Jesus Cristo Nossa Esperança".

Os diversos movimentos não aceitavam a ditadura de ferro. Guerrilhas urbanas e rurais eram destruídas, massacradas. Chegamos a nos interrogar: Será que não era perder tempo o fato de refletir, despertar o povo com ações pequenas, rezar e celebrar? Os movimentos de jovens JEC, JOC, JAC quiseram tomar outros rumos. A ACR e a ACO ficaram fiéis a essa presença paciente e perseverante nas bases, dando esperanças às massas silenciosas — por causa do medo e dos sofrimentos. Foi tempo de opções diferentes, de separações em caminhadas diversas, dos que antes andavam juntos. Assim aconteceu entre nós e o antigo movimento de jovens JAC, cujos dirigentes tomaram outros rumos.

Os encontros continuaram com regularidade no Maranhão, no Ceará (Limoeiro e Igatu), no Rio Grande do Norte (Caicó e Natal), na Paraíba (Campina Grande e João Pessoa), em Pernambuco, Alagoas e Bahia. Nesse último estado, o trabalho vai crescer com os grandes encontros no Centro de Treinamento de Rui Bar-



Guerrilheiros mortos em combate no Araguaia

(1968-1974)

Os duros amadurecimentos

bosa (Pe. José), reunindo de sete a oito dioceses.

Em 1972, tomamos os primeiros contatos com Minas Gerais, na diocese de Teófilo Otoni. Servat visita Pe. Jerônimo e as dioceses de Teófilo Otoni, Caratinga e Governador Valadares, em 1973. O grupo de Minas vai multiplicar as reuniões e encontros, difunde o Grito no Nordeste e participa de todas as atividades da ACR no plano regional e nacional. Pe. Servat e Elza Vilar acompanham os primeiros grandes encontros no estado.

Entra também o Pará, com a presença do nosso amigo Pe. Luís Mosconi, na diocese de Bragança. Alguns militantes se encontram na região de Paragominas e participam dos encontros regionais, com o Maranhão e das Assembléias em Recife.

Os sindicatos tornam-se ainda mais dependentes do governo, com a criação do FUNRURAL que exige das diretorias tempo e trabalho. Esse mesmo tempo gasto não pode ser consagrado à luta contra o capitalismo — invadindo o campo e tornando sempre mais depen-



Participantes do Encontro dos Trabalhadores Rurais, em Teófilo Otoni, fevereiro de 1975.

dentos os camponeses: desenvolvimento da agropecuária e sobretudo do Proálcool, que vai

arrancar sempre mais terras do povo necessitado. Muitos animadores da ACR, presos em

sindicatos muito alienantes, perdem o vigor e a liberdade que tinham antes.

(1975-1984)

Sinais de Abertura



Os jovens do campo discutem os seus problemas e buscam soluções.

É o tempo dos governos de Geisel e Figueiredo. Esses novos presidentes da República falam mais em volta à democracia e em respeito aos direitos humanos. Geisel cria o Ministério da Previdência Social, revoga o Ato Institucional nº 5 e prepara a reformulação partidária. A fidelidade partidária é

Ocorreram as eleições diretas dos governadores e as grandes greves de São Paulo, sobretudo dos metalúrgicos do ABC.

De 26 de janeiro de 1979 a suspensão. Com a anistia, voltam os exilados. O bipartidarismo é substituído por uma reformulação partidária, abrindo caminho para cinco agremiações.

13 de fevereiro de 1980, é realizado o Encontro de Puebla, no México, onde Maximínio da ACR é escolhido para representar os trabalhadores do Brasil.

A ACR se adapta aos tempos novos. Vai retomar os temas mais concretos e já estudados, para uma reflexão em vista do engajamento dos mi-

litantes na construção do mundo futuro: "A Terra e o Homem"; "Um Povo aos Embolés" (sobre as migrações); "A Política e a Participação pelo Voto"; "Os Partidos Políticos"; "A Sociedade que Queremos Construir"; "O Sindicalismo" e "A Reforma Agrária que Queremos Fazer".

Um encontro dito "Econômico e Social" fez descobrir a empresa moderna e o relacionamento entre membros da mesma empresa, capital e trabalho.

Os jovens entram no Movimento com força nova. Depois das eleições fizemos um encontro de candidatos e assim, refletimos sobre as motivações e as atitudes dos que entraram na política partidária.

Multiplicaram-se as pastorais (como a CPT), pastorais diocesanas, movimentos sindicais e políticos.

HOJE, COMO SE SITUA
A ACR?

Em conversas, entrevistas, reuniões e encontros sempre fa-

(1975 - 1984)

Sinais de Abertura



zemos essa pergunta. A ACR deve continuar ou já terminou o tempo dela, para deixar lugar para outros movimentos ou pastorais? A resposta é sempre a mesma: "É agora que a ACR é necessária e que deve tornar-se ainda mais atuante". Tempos novos parecem preparar-se. As estruturas do Brasil mudaram pouco, apesar das declarações oficiais. As grandes reformas ainda não começaram (Reforma Agrária, participação política, nova Constituição).

O mundo a fazer, mais justo, mais humano e mais fraterno continua. Os cristãos estão chamados a torna-se sal da terra, fermento do mundo, luz dos povos. É o povo de Deus, nas suas camadas populares, dos empobrecidos e marginalizados que deve assumir sua missão histórica. Para isso, é ele mesmo que deve pensar, decidir, organizar-se e não ser utilizado por elites da Igreja ou dos governos. Os oprimidos devem descobrir a missão: a necessidade para corresponder ao Plano de Deus, de unir vida, engajamentos, lutas e construção da sociedade, com a fé em Jesus Cristo e no Evangelho.

Pensamos que ainda é missão de um Movimento próprio ao mundo e a classe camponesa, com as comunidades de base, de animar e fundamentar essas caminhadas. Não é função do clero escolher, cortar, afastar o que nasce da consciência

cristã popular. Ele tem a missão de respeitar, interrogar e ajudar nesta realização. Para isso, precisa conhecer os movimentos do povo do interior, para respeitar os sinais do Espírito Santo.

A ACR, nas realidades familiares, econômicas, sociais, políticas e culturais vai continuar fazendo aparecer todas as riquezas do meio rural nordestino. É uma caminhada para o futuro, o ano 2.000, a realização



**RENOVE SUA ASSINATURA ANUAL
NOVOS PREÇOS DO GRITO DO NORDESTE**

Trabalhador Rural	Cr\$ 5.000
Outras Pessoas	Cr\$ 10.000
Um só número	Cr\$ 1.000
ASSINATURA DE APOIO	Cr\$ 20.000

Pagamento através de Vale Postal ou
Cheque Nominal em nome da
A.C.R. — Animação dos Cristãos no Meio Rural

desse mundo justo, na igualdade e no respeito às pessoas. Para isso, a ACR quer a ajuda de todas as pessoas de boa vontade no campo, como na Igreja. Isso é urgente neste momento histórico do campo:

- **Aprofundar e apresentar sua identidade:** Movimento da classe camponesa e presença da Igreja nessa classe camponesa, para acompanhá-la, em vista de uma libertação integral — sócio-econômica e pessoal.

- Ser cada vez mais um Movimento que existe essencialmente pela sua presença nas bases, onde vive, trabalha, sofre e luta nosso povo, como pelo engajamento dos militantes em toda situação onde se contrói o mundo novo. É nessas ações e atitudes que os cristãos se encontram com Jesus Cristo libertador;

- Movimento que precisa utilizar todos os meios de comunicação e de ação para repercutir sua missão (imprensa, televisão, rádio e todos os meios de comunicação social);

- Movimento sempre humilde e autêntico na descoberta das suas limitações, na utilização permanente dos meios pobres e na solidariedade com os pequenos e empobrecidos neste Brasil.





Os trabalhadores descobrem juntos, usando o método VER-JULGAR-AGIR

O JEITO DE SER DA ACR

O ROSTO DA ACR:

No mês de julho próximo passado, os militantes mais antigos realizaram um encontro para refletir sobre METODOLOGIA, isto é, sobre o jeito de trabalhar dos companheiros da ACR. Foi muito importante para relembrar toda a caminhada do Movimento. Aqui tentaremos resumir as coisas mais importantes daquele Encontro.

Estávamos todos reunidos. Cantamos um bocado, depois um de nós foi lá na frente e disse: "Vou tentar desenhar um rosto, imaginem que seja o rosto da ACR. Para que este rosto fique do mesmo jeito como ela é de verdade, o que nós colocaríamos?"

Foi assim que alguém entre nós respondeu: "Eu botaria Revisão de Vida". Outro companheiro tomou a palavra e acrescentou: "Bota o profunda-

mento da fé". Outro ainda falou: "Visão crítica do mundo".

Toda vez que alguém dizia uma coisa, o companheiro que desenhava fazia mais um traço no rosto: era um olho, era a testa, o nariz e assim por diante. Ao mesmo tempo, outro companheiro escrevia no quadro tudo o que cada um falava.

O rosto foi ficando cada vez mais completo e bonito; o qua-

dro ficou sempre mais cheio de frases.

Quando tudo estava terminado, um companheiro gritou: "É a cara da ACR!"

Era verdade. De fato estávamos reconstituindo o rosto da ACR:

- seu jeito de ser e de agir;
- suas características;
- sua identidade.

Com a participação de todos, conseguimos resumir tudo em 20 pontos. Aqui vamos apresentar os três mais importantes:

1. Revisão de Vida

Nos grandes encontros (diocesanos, estaduais, regionais e gerais) sempre usamos o método VER - JULGAR - AGIR:

- partimos da situação em que a gente vive e trabalha; às vezes fazemos uma Pesquisa para conseguirmos um levantamento mais completo da realidade; tentamos descobrir as causas e as conseqüências da situação. Nesta análise utilizamos os conhecimentos de várias ciências (Sociologia, Direito, Política, História, Economia, etc);

- estudamos a Bíblia, os documentos da Igreja e a contribuição dos teólogos a fim de descobriremos uma luz para a nossa realidade e o nosso trabalho;

- buscamos linhas de ação conjunta para nossa luta do dia a dia. Levantamos propostas, fazemos planos, distribuímos tarefas.

Os militantes mais antigos fazem questão de afirmar que a **Revisão de Vida** é a força do Movimento:

- "Sem a Revisão de Vida eu hoje não seria militante da ACR" - disse um companheiro.

- "A Revisão de Vida é a escola, para se tornar um bom militante" - disse outro.

Quando falamos em Revisão de Vida, nos referimos àquele método de reflexão e ação que aprendemos a usar sobretudo nos primeiros anos de ACR, nas pequenas equipes (paro-

quiais, diocesanas, estaduais, etc.). A gente aprendeu este método com a ajuda do padre Servat e de outros assistentes do Movimento. **Como temos usado este método?**

No último sábado de setembro, João, Francisca, Maria, Júlio, Pedro e Henrique se reuniram:

- Maria começou a falar de seu José, que foi morto pelo capanga de doutor Fernando, na semana passada.

- Os companheiros fizeram perguntas a Maria, para saber os detalhes: Como foi que seu Zé morreu? Como estava a família dele, por que o mataram? ...

- Maria foi contando tudo...

- Júlio disse: seu José não foi o primeiro a morrer. Com o Cristo fizeram o mesmo.

- Pedro confirmou: quem luta, pela justiça, facilmente acaba deste jeito.

- Aí Henrique abriu a Bíblia e leu um trecho: "Não há maior amor do que aquele que entrega a vida por seus amigos".

- Aí os demais foram refletindo e ligando a Bíblia com o caso de seu José...

- O que podemos fazer - perguntou seu João - para que isso não aconteça mais?

- Se a gente não se une, disse Maria, a situação vai piorar..



1. Revisão de Vida

— Se nosso Sindicato não fosse pelego, isso não aconteceria — falou outro companheiro.

— Precisamos ver como dar passos para mudar o Sindicato. Vamos conversar com mais companheiros? — sugeriu Henrique.

— É isso mesmo, concluiu Francisca. Vamos convidar mais gente para nossa próxima reunião.

É assim que fazemos Revisão de Vida: numa pequena equipe. Procurando Ver, Julgar e Agir sobre o fato ligado à gente, buscando as suas causas e conseqüências, confrontando o com o Evangelho e traçando as saídas.

Para que haja uma boa Revisão de Vida é preciso que

exista muita confiança entre os membros da equipe. Maior a confiança, melhor será a Revisão de Vida.

Revisão de Vida quer dizer REVER A VIDA, isto é, VER A VIDA DE MANEIRA NOVA, à luz da fé. Por isso, fazendo a Revisão de Vida a gente vai aprendendo a se tornar um homem novo, como diz a Bíblia.

Vamos refletir e debater com os companheiros:

1 — Sabemos fazer a Revisão de Vida?

2 — Temos costume de fazê-la de vez em quando em nossa equipe de ACR?

3 — Como podemos melhorar neste ponto?



Reunião em Pureza, no Rio Grande do Norte.

2. A palavra de Deus

O Movimento sempre teve como sua grande força a Palavra de Deus. Ela tem uma posição de destaque dentro da ACR.:

— Nos grandes Encontros, ela está sempre presente sobretudo no momento do JULGAR, no aprofundamento da Fé, nas orações e celebrações;

— Os grupos de base, onde refletimos, usam maneiras diferentes: uns partem da Bíblia, outros partem de situações da vida, mas tanto uns quanto outros, procuram ligar Bíblia e vida, vida e Bíblia;

— A gente gosta da Bíblia toda, mas há trechos que a gente lê mais: O Êxodo, que trata da saída do povo de Deus do Egito e do deserto; os profetas, que preparam a vinda do Messias; os Evangelhos; os Atos dos Apóstolos, Tiago e o Apocalipse;

— A gente sente também, a necessidade de aprofundar mais a Bíblia. Há equipes que já conseguiram promover **curso bíblico** e estudos mais demorados;

— Para tornar a Palavra de Deus mais conhecida e compreensível, a gente faz **dramatizações** de alguns trechos bíblicos;



A Palavra de Deus é luz para o militantes da ACR, no confronto com a realidade.

— Alguns companheiros gostam de usar símbolos (plantas, pedras, enxadas, correntes) em reuniões e encontros. Depois de escolher o símbolo, perguntam: "o que este objeto fala pra gente? O que a Bíblia nos diz sobre a situação apontada pelo símbolo";

— Parece que numa situação de conflito a leitura da Bíblia ganha maior sentido e ilumina melhor a luta. Isso

acontece porque tanto a Bíblia quanto a vida da gente estão cheias de conflitos. Deus sempre fala aos que lutam pela libertação.

— Para nós, a Palavra de Deus não se revela apenas na Bíblia, ela fala também: nos testemunhos dos companheiros, no trabalho, nas celebrações, nos acontecimentos, nas ameaças e na perseguição, nas conversas de feira, nas preocupa-

ções da luta, na natureza, no tratamento entre a gente, etc...

Vamos refletir e debater com os companheiros:

1 — Em nossa equipe de ACR, a Palavra de Deus tem importância?

2 — Como é que a gente costuma ler a Bíblia?

3 — Como a gente descobre a Palavra de Deus no dia a dia?

3. Acompanhamento nas lutas

As lutas que nós, trabalhadores da ACR enfrentamos, são as mesmas que a maioria dos homens do campo levam adiante, pois também nós somos trabalhadores rurais e partici-

pamos da caminhada de libertação de nossa classe. **As lutas mais enfrentadas são as seguintes:** lutas pela terra; lutas sindicais; lutas trabalhistas (Justiça do Trabalho); campanhas

salariais; lutas pela saúde e pela educação; política partidária, etc...

O que quer dizer, na prática, acompanhamento nas lutas? Quer dizer o seguinte:

— unir a ação e a reflexão — não basta lutar, precisamos refletir sobre a luta, refletir antes, durante e depois da luta;



3. Acompanhamento nas lutas

— fazer sempre uma **pesquisa** antes de uma luta, pra ver se a gente pode ir mesmo adiante;
— fazer, ao mesmo tempo, **um trabalho de ação e reflexão com muitas pessoas e com pequenos grupos dos mais interessados e ativos**: precisamos atingir muitos companheiros; precisamos, também, formar pequenas equipes com os companheiros mais conscientes e comprometidos (militantes).

Não podemos tratar a todos do mesmo jeito. Jesus falava às multidões, mas formou também os 72 discípulos, aos quais dava uma atenção maior. **Formou, enfim, a equipe dos 12 apóstolos**: a eles confiava seus segredos. Entre os 12, Pedro, Tiago e João eram os preferidos de Jesus, compreenderam melhor do que os outros a mensagem do mestre e se tornaram anunciadores do Cristo pelo mundo inteiro.

Como Jesus, também nós precisamos distinguir a multidão dos pequenos grupos. Precisamos combinar bem o trabalho com a multidão e o trabalho com os pequenos grupos:

- **Dividir as tarefas**: uma comissão para a propaganda, outra para coordenar, outra para preparar os cantos e assim por diante. Cada um vai assumindo segundo sua capacidade. As tarefas devem ser cobradas. Todos devem ser valorizados;

- **Descobrir os verdadeiros amigos e inimigos do povo**;

- **Realizar encontros maiores com mais pessoas e menores com os mais interessados**: trocar experiências, refletir sobre



Celebrando a vida, a luta e a esperança de um mundo novo.

as lutas, fazendo a ligação com a história e com as lutas de todo o Brasil;

- **Usar diferentes formas de lutas**, dependendo do lugar, da situação e do nível de consciência das pessoas: atos públicos, passeatas, greves, ocupação de terras, mutirão, etc...

- **Não ficar isolados**, mas ligar a luta a outras lutas e a outras entidades: Sindicato, Centros de Educação Popular (Centru, Ceas, MEB, SAR). Uma luta isolada não provoca uma grande mudança e facilmente pode morrer;

- **Ligar a luta com a Bíblia e a Fé em Jesus Cristo**. Precisamos perguntar: o que tem a ver essa luta com a nossa fé no Evangelho e em Cristo?

- **Reunir as testemunhas antes delas fazer depoimento na Justiça**: informá-la sobre as perguntas feitas a outras testemunhas, ajudá-las a ficar mais conscientes e a lembrar que na

hora "h" é preciso testemunhar a Palavra de Deus;

- **Estudar as leis e os direitos que cada luta vai exigindo**, pra gente conhecer mais;

- **incentivar os companheiros para as culturas de subsistência**: o que permite ter mais condição para resistir na luta e favorece uma política bem diferente da política de culturas de exportação, incentivadas pelo governo. Precisamos educar os companheiros para o autofinanciamento e a autossustentação, para não ficarmos totalmente dependentes de entidades e pessoas de fora do Movimento;

companheiros que só pensam no seu interesse individual: precisamos ajudá-los a descobrir que a luta é maior que a deles. Isso não é fácil...

- **Fazer que os trabalhadores assumam a frente da luta**. A ACR é fermento, não é ela que deve dirigir as lutas;

- **Descobrir o valor da vida e da ressurreição**, mesmo no momento da derrota e do desânimo.

Vamos refletir e debater com os companheiros:

1 — Quais são as lutas que estamos travando?

2 — Como podemos realizar um bom acompanhamento nas lutas?

3 — O que falta pra gente melhorar este ponto?

A Revisão de Vida, a Palavra de Deus e o Acompanhamento nas lutas não são três coisas separadas. São uma só: "A gente luta, porque a Palavra de Deus nos empurra e incentiva". "A Fé nos fortalece na luta e a luta nos faz crescer na fé".

A Revisão de Vida, que nós fazemos, se dá em cima da luta: lutamos; refletimos sobre a luta; descobrimos a Palavra de Deus presente na luta; voltamos à prática do dia a dia para transformá-la.

Conversamos com o povo sempre a partir dos fatos e ajudamos as pessoas a ligar o fato, a realidade com a Bíblia,



Militantes da ACR no 4º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, em Brasília.



Oferecemos a Deus o sacrifício do nosso trabalho e a esperança de ter terra para trabalhar.

- **Favorecer a educação à saúde**, valorizando os remédios caseiros, como já estamos fazendo em alguns estados;

- **Descobrir o valor da classe em nossas lutas**. É toda a classe que deve crescer. Há

para se comprometerem mais com a luta. Costumamos fazer isso em todo canto: na feira, na casa de farinha, com os colegas de dominó, com os vizinhos. Está tudo misturado: vida, Palavra de Deus e luta...

I Congresso da ACR



A Equipe Central da ACR, reunida na última Assembléia Geral.



Todos os anos a ACR faz uma Assembléia Geral. Nestas assembléias os companheiros fazem avaliação dos trabalhos e do andamento do movimento de um modo geral. É a assembléia geral que elege os coordenadores e o assistente da ACR por um mandato de 3 anos. Chamamos essa equipe de "Equipe Central". Este ano, por se tratar de um momento especial para a ACR que está celebrando os 20 anos de presença no meio rural brasileiro, o movimento decidiu fazer um Congresso.

QUANTO AO OBJETIVO

O grande objetivo do Congresso é fazer com que este ano seja um ano de AVALIAÇÃO e CELEBRAÇÃO da caminhada da ACR nesses 20 anos de presença no meio rural brasileiro. Isso está acontecendo. O processo de avaliação que vem sendo desenvolvido desde o início do ano, tem marcado profundamente a vida dos militantes, das comunidades e das equipes.

A preparação do Congresso tem levado as comunidades e os militantes a re-

fazerem a história da ACR, isto é, fazer a sua própria história. O esforço de lembrar os acontecimentos, trazendo para o confronto com o hoje, tem sido um exercício muito rico. Os companheiros descobrem que têm uma memória histórica e que ela não pode ser esquecida. A partir destas descobertas, muitos Estados estão escrevendo a história da ACR no seus próprios Estados.

Alguns aspectos que têm sido significativos é a descoberta da necessidade de voltar-se cada vez mais para os trabalhos na base, a partir dos problemas concretos. O incentivo e o fortalecimento das equipes de base e de um modo geral. Retomar e intensificar a revisão de vida entre os militantes.

Foi muito importante o reencontro com muitos companheiros, tanto trabalhadores como agentes e padres que já passaram pelo movimento e hoje fazem a sua avaliação e dizem como estão vendo a ACR.

Através da pesquisa que está sendo respondida, diversos companheiros dão a sua contribuição.

TEMA

O tema principal é a METOLOGIA. É o jeito

de trabalhar e evangelizar no mundo de hoje. Com isso a ACR pretende questionar-se e questionar a Igreja e a sociedade. Tentar descobrir se o nosso jeito de trabalhar está ajudando os trabalhadores a caminhar com os seus próprios pés e pensar com a sua própria cabeça.

QUANTO AOS PARTICIPANTES

Contamos com a participação de 250 pessoas, entre militantes do movimento e convidados especiais. A participação será organizada pelos Estados através de suas equipes. Um critério básico é que cada pessoa venha representando o movimento a partir da sua comunidade ou equipe.

DATA E LOCAL

O I Congresso da ACR será realizado de 14 (noite) a 17 (tarde) de novembro de 1985, no Seminário de Olinda - Olinda - PE. No último dia, que será o domingo, haverá uma grande confraternização, encerrando-se com a celebração da Eucaristia.

As dioceses dos Estados mais pertos estão organizando caravanas para essa confraternização. Isso vai ser muito importante.

